

ALONG CAME JONES / 1945

Aí Vem Ele! (O Cavaleiro Sem Medo)

Um filme de **Stuart Heisler**

Realização: Stuart Heisler / Argumento: Nunnally Johnson, segundo o romance *The Useless Cowboy*, de Alan LeMay / Fotografia: Milton Krasner / Direcção Artística: Wiard Ihnen / Montagem: Thomas Neff / Música: Arthur Lange / Intérpretes: Gary Cooper (Melody Jones), Loretta Young (Cherry De Longpre), William Demarest (George Fury), Dan Duryea (Monte Jarrad), Frank Sully (Avery De Longpre), Don Costello (Leo Gledbill), Walter Sande (Ira Waggoner), Russell Simpson (Pop De Longpre), Arthur Loft (sheriff), Willard Robertson (Luke Packard), Ray Teal (Kriendler), Lane Chandler (Boone), etc.

Produção: Gary Cooper / Produtor Executivo: William Goetz, para a Universal-Internacional / Cópia: da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 16mm, preto e branco, versão original legendada em português, 86 minutos / Estreia Mundial: 15 de Julho de 1945 (Ante-Estreia: Dallas, em 20 de Junho de 1945) / Estreia em Portugal: Capitólio, em 31 de Outubro de 1946.

NOTA: A cópia apresenta alguns riscos e saltos, especialmente entre bobines e um acentuado ruído de fundo. Pelo facto de que pedimos desculpa.

Along Came Jones é um western bastante curioso para o tempo em que foi feito. Não se trata, diga-se desde já, de um grande filme, mas é divertido, alternando com jeito as cenas de acção com as de humor. É um western curioso porque o tempo era outro, aquele em que o género “amadurecia” deixando-se contaminar por elementos até então estranhos às cavalgadas e a uma “atmosfera” que se convencionou chamar de “horse opera”: o drama social sobre o racismo e o “ódio ao estranho” que inspirara William Wellman para uma das suas obras-primas (**The Ox-Bow Incident/Consciências Mortas**), a sexualidade com as formas capitosas de Jane Russell (**The Outlaw/A Terra dos Homens Perdidos**, de Howard Hughes) são dois exemplos do movimento de transformação que John Ford iniciara em 1939 com **Stagecoach/A Cavalgada Heróica**. Neste percurso **Along Came Jones** introduz um novo elemento, embora o faça de forma algo desajeitada, ou melhor, fica-se pela exposição sem aprofundar muito a questão. Trata-se da paródia, ou melhor, da auto-paródia, que é uma forma mais irónica porque não é involuntária, sendo auto-consciente e tendo, antes, por objectivo, gozar com os seus próprios estereótipos. Outro factor interessante é que tal perspectiva não parte de “fora”, isto é de autores de comédia a brincarem com o género (como seria o caso de um Frank Capra ou um Lubitsch, para nos cingirmos a nomes que este ciclo nos trouxe), mas a partir de dentro, tendo como responsável principal, na dupla pele de produtor e intérprete, um dos nomes mais carismáticos do western: Gary Cooper.

Desde 1940 e **Northwest Mounted Police/Os Sete Cavaleiros da Vitória** de Cecil B. DeMille, que Cooper não usava o coldre do cowboy, substituído por armas mais modernas e lutas noutras paragens que lhe dariam o seu primeiro Oscar com **Sergeant York/Sargento York** de Hawks, mas tinha no seu activo uma boa dúzia de westerns que o colocaram entre as figuras

características do género, com o seu ar impávido e fleumático, com destaque para **The Plainsman/Uma Aventura de Buffalo Bill**, também de DeMille. **Along Came Jones** retoma esta imagem para a subverter por dentro, pois Melody (a paródia começa logo com o nome, gozando com a inflação de cowboys-cantores) Jones tem os atributos do “westerner” mas não as suas qualidades de pistoleiro: é um zero à esquerda com o colt. Mas o argumento de Nunnally Johnson (responsável pelo de um western seminal na “transformação” do género: **The Gunfighter/O Pistoleiro Romântico**, dirigido por Henry King), introduz uma outra personagem onde se projecta essa característica, a do pistoleiro Monte Jarrad, com quem Melody é confundido, o que está na base da intriga. Esta projecção faz-se aqui através do tema do “duplo”. Jarrad (Dan Duryea) não se confunde a um olhar atento com Jones: são as iniciais comuns que estão na base da confusão, e o facto de ser um “tall man”, a que se junta também os chapéus semelhantes que usam. É a partir destes que Stuart Heisler começa por “jogar” com a confusão, mostrando, no primeiro plano, um homem de “stetson” emboscado à espera da diligência. O plano seguinte, em contra-campo, permite-nos ver que se trata de Jarrad. Após o assalto, um plano de conjunto mostra-nos dois cavaleiros que avançam devagar pela planície. À distância, o perfil de um deles confunde-se com o anterior. Só quando muda para um plano mais próximo se permite a identificação da personagem: Melody Jones. O desenvolvimento da história, com a entrada de Melody e George na cidade de Payneville e a reacção dos seus habitantes, a cena do bar e o encontro com Cherry (Loretta Young), quase sugerem uma variação de uma “comédia de enganos”. A personagem de Melody vai durante grande parte do filme, manter-se nestes limites, ao mesmo tempo que a intriga se vai complicando e dramatizando.

Along Came Jones é o primeiro western de Stuart Heisler e a primeira vez que dirige Cooper (embora o encontro dos dois tenha tido lugar 10 anos antes quando Heisler fez a montagem do filme de King Vidor **Wedding Night/Noite de Pecado**, que Cooper interpretara). O seu estilo eficaz, seco e rápido, breves movimentos de câmara sem alardes de virtuosismo, apenas funcionais, mostra que Heisler aprendera bem o ofício na mesa de montagem onde trabalhara desde 1924, antes de enveredar pela realização. Heisler e Cooper voltariam a encontrar-se em 1950 para outro clássico B do género, **Dallas/A Paz Voltou à Cidade**, onde, mais uma vez, o realizador explora o humor na narrativa, de forma hábil. Aliás, antes de enveredar de vez para a televisão para dirigir séries populares do género como *Rawhide*, *Lawman* e *The Virginian*, Heisler dirigiu ainda dois hábeis westerns nos anos 50: **The Lone Ranger/O Homem da Mascarilha** e **The Burning Hills/O Monte do Desespero**.

Along Came Jones introduz também um novo nome no western: Dan Duryea, até então secundário de melodramas, policiais e filmes de guerra. A estreia revelou um rosto ameaçador e duro, quase talhado em pedra (como todos os bons “westerners”), a que mais tarde se juntaria um humor cínico que o tornaria inconfundível. Três anos depois ele seria um fabuloso **Black Bart/O Bandido Apaixonado** de George Sherman, ao lado de Yvonne De Carlo, e a partir de 1950, após **Winchester 73** de Anthony Mann, ele seria figura frequente, “tall in the saddle”, geralmente como vilão, no western: **Al Jennings of Oklahoma/Os 4 Cavaleiros de Oklahoma**, de Ray Nazarro, **Ride Clear of Diablo/Vidas Turbulentas**, de Jesse Hibbs, **Silver Lode/Falsa Justiça**, de Allan Dwan, etc.

Para o cinéfilo em geral, e para os fordianos em particular, **Along Came Jones** apresenta uma cena notável, que antecipa a que John Ford encenou para **The Man Who Shot Liberty Valance**: o último frente a frente de Jarrad e Jones, em que o primeiro vai atingindo Jones várias vezes, até ser abatido por um tiro, vindo do lado de Jones, mas que o enquadramento mostra ser disparado por Cherry.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico